

LINGUAGENS ARTÍSTICAS E LÚDICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL (CICLO I): EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROPOSTAS DE ATIVIDADES NO ÂMBITO DO PROJETO LUDIBUS. Ana Paula Cordeiro (FFC-UNESP); Amanda Braga (FFC-UNESP); Viviane Gauy (FFC-UNESP); Rafael Gonçalves (FFC-UNESP); Anderson Oliveira da Silva (FFC-UNESP); Mariana Sampaio (FFC-UNESP); Isadora Chicarelli (FFC-UNESP). Eixo temático 7: Dimensão Cultural na Formação de Professores. Núcleo de Ensino e PROEX- Pró Reitoria de Extensão Universitária.

Introdução

Este texto tem por objetivo apresentar um relato de experiência relacionado ao trabalho ligado às linguagens artísticas e lúdicas, desenvolvido no âmbito do Projeto LUDIBUS, da FFC-UNESP, Campus de Marília.

Artes visuais, Literatura Infantil, teatro, música, movimento, jogos e brincadeiras: muito se fala a respeito da importância de tais atividades para o desenvolvimento infantil. No entanto, nem sempre há espaço para a arte e para o lúdico nas escolas de Educação Básica. O Projeto LUDIBUS desenvolve atividades artísticas e lúdicas junto a escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, primeiro ciclo, com o objetivo de levar as crianças a se tornarem criadoras e apreciadoras de arte, formá-las no gosto, desenvolver a sensibilidade e o senso estético. Outro objetivo, não menos importante, é o de desenvolver um trabalho de formação inicial e continuada de professores por meio de reuniões em escolas parceiras e oferecimento de cursos de extensão relacionados à temática do Projeto LUDIBUS, que alia ensino, pesquisa e extensão em seu bojo.

1- LUDIBUS: o Projeto, seus objetivos e pressupostos teóricos.

Muitas crianças e adolescentes da cidade de Marília conhecem bem o LUDIBUS: um ônibus montado e adaptado para o trabalho com arte e atividades lúdicas nas escolas. A principal característica do Projeto LUDIBUS é a existência deste ônibus, que no lugar de bancos e catraca possui baús coloridos cheios de brinquedos, além de mesas e banquinhos para desenhar, pintar, jogar e ler. Para trabalhar com as crianças, há uma equipe que desenvolve estudos específicos voltados para as linguagens lúdicas e artísticas.

Este Projeto nasceu em 1999, baseado nas brinquedotecas itinerantes surgidas nas capitais, que levavam o lúdico aos bairros e praças das cidades. O ônibus foi comprado pela Reitoria da UNESP e reformado, para um trabalho que seria realizado nas escolas públicas de Marília, SP, a fim de sensibilizar professores e alunos para o fato de que as linguagens artísticas e lúdicas são importantes elementos da cultura e fundamentais para a formação humana.

Os objetivos do projeto são:

- discutir, analisar e avaliar com professores em processo de formação inicial e continuada sobre a importância e os benefícios de atividades artísticas e lúdicas para a formação das crianças de 3 a 10 anos, alunas das escolas de Educação Infantil e do Ensino Fundamenta, ciclo I;
- apresentar às crianças uma nova forma de encarar a arte, evitando atividades estereotipadas e prontas, pois a premissa que norteia o trabalho é a de levar as crianças a se tornarem, além de fruitoras da arte, criadoras pessoais de cultura.

Para alcançarmos estes objetivos, reuniões para estudos teóricos e para o desenvolvimento do trabalho são realizadas. Algumas questões centrais precisam ser respondidas e precisam estar claras para os alunos-bolsistas integrantes da equipe do Projeto, tais como: O que é arte? Qual sua necessidade para a vida humana? Qual sua função? Como o lúdico pode perpassar as atividades artísticas desenvolvidas no âmbito de Projeto?

Para responder o que é arte, não nos reportamos a um único autor ou a uma única definição, tendo em vista que não estamos tratando de algo tão simples de ser definido. Apresentamos algumas considerações sobre o que vem a ser arte, a partir de autores, como Ferrater Mora:

Ainda hoje é possível usar o termo 'arte' nos diversos idiomas modernos em vários sentidos. Fala-se da arte de viver, da arte de escrever, da arte de pensar; 'arte' significa, nesse sentido, certa virtude ou habilidade para fazer ou produzir algo. Fala-se da arte mecânica e da arte liberal. Fala-se também da bela arte e das belas artes- em cujo caso 'arte' é tomado, em sentido estético, como a 'Arte'. Estes significados não são totalmente independentes; estão interligados pela idéia de fazer e, em especial, de produzir algo de acordo com certos métodos ou certos modelos- Métodos e modelos que, por sua vez, podem ser descobertos mediante a arte. (MORA, 1998, p. 46.)

E Martins, Picosque e Guerra falam em arte como linguagem:

A arte é uma forma de criação de linguagens- a linguagem visual, a linguagem musical, a linguagem cênica, a linguagem da dança e a linguagem cinematográfica, entre outras. Toda linguagem artística é um modo singular de o homem refletir- reflexão/reflexo-seu estar-no-mundo. Quando o homem trabalha nessa linguagem, seu coração e sua mente atuam juntos em poética intimidade. (1998, p. 41).

A partir destas definições podemos pensar em arte como capacidade para fazer ou produzir algo, segundo certos métodos ou modelos, ligados, por vezes, à estética, às chamadas Belas Artes. Podemos pensar em arte como atividades que estimulam no homem a sensibilidade, imaginação e apreciação. E também podemos pensar em arte como linguagem, como comunicação.

Ernst Fischer (1971) também nos fala a respeito da necessidade e da função da arte no mundo contemporâneo. Por que lemos livros, ouvimos uma música, acompanhamos uma história? O homem necessita entender melhor o mundo, tomá-lo para si, conhecer o que não conhece. Tem vontade de integrar-se e esta integração pode se dar por meio da arte, por meio de identificações com personagens e circunstâncias. Também, por meio da arte, o homem critica, se afasta para melhor compreender situações com as quais não se identifica. A arte aproxima o homem do mundo de maneira dialética.

Fischer (1971) também nos diz que a função da arte, inicialmente, era a de trazer magia ao mundo, mas com as transformações sociais que opacizaram as formas de organização humanas, a função da arte no sistema capitalista deve ser a de incitar o indivíduo à ação, deve ser a de clarificação de relações sociais complexas.

Quanto à arte e sua relação com o lúdico, podemos dizer que nem sempre o lúdico, aqui entendido como o elemento de prazer e satisfação que permeia inúmeras atividades humanas está presente nas escolas nos momentos em que professores oferecem vivências em linguagens artísticas. Não raro vemos alunos colorindo desenhos mimeografados ou xerocados, encenando peças teatrais prontas, com fundo moralizante ou desenvolvendo atividades repetitivas, como coreografias que são ensaiadas à exaustão. Se a criança vê estas atividades como mera obrigação, como um trabalho a mais a ser desenvolvido na escola, dificilmente ela encontrará prazer genuíno nessas atividades.

Nossa perspectiva é a de levar as crianças a criarem e a apreciarem a arte de forma lúdica, prazerosa. Nem, sempre, no entanto, o prazer e a

ludicidade estão presentes na escola. Não raro, ouvimos que devemos nos dedicar às atividades de forma séria. Ora, segundo Huizinga (1990), a seriedade exclui o jogo, mas a idéia de jogo não exclui a seriedade. As crianças podem jogar e realizar suas atividades dentro do mais alto grau de seriedade, segundo este autor.

Para que o trabalho se realize dentro das perspectivas apresentadas, nos reunimos semanalmente a fim de elaborarmos as ações a serem desenvolvidas nas escolas. Nossas reuniões ocorrem às terças feiras e nelas discutimos, montamos e avaliamos o nosso trabalho com as crianças. Também pensamos na formação dos bolsistas de maneira ampla, fornecendo oportunidades de vivências nas linguagens artísticas e oportunidades de momentos de discussão e aprofundamento sobre os temas ligados ao projeto.

2- Metodologia de trabalho.

Desenvolvemos reuniões organizacionais semanais, promoção de cursos e momentos de vivências em linguagens artísticas na Universidade e nas escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental do município de Marília - SP. Entendemos que, se queremos levar às escolas atividades significativas às crianças, capazes de fazê-las criar e apreciar arte, também devemos estimular estudantes que fazem parte da equipe do Projeto a elaborarem coletivamente o trabalho a ser desenvolvido nas escolas.

Dentro da perspectiva de participação, nos utilizamos do referencial metodológico da Pesquisa – Ação, que segundo Thiollent é

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual o pesquisador e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (1986, p.14).

O autor ainda diz que

uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação seja uma ação não trivial, o que quer dizer uma ação problemática, merecendo investigação para ser elaborada e conduzida (1986, p.15).

Dessa forma, podemos afirmar que construímos coletivamente o trabalho a ser realizado nas escolas. No ano de 2010, algumas ações foram desenvolvidas no sentido de oferecer formação aos bolsistas nas áreas da arte e do lúdico, quais sejam: reuniões do GEALE – Grupo de Estudos sobre Arte e Ludicidade na Educação Básica; participação em curso de capacitação

de professores para a apresentação das propostas da 29ª Bienal de Arte de São Paulo; organização do mini – curso intitulado “Linguagem teatral na Educação Básica (crianças de 0 a 10 anos): propostas de oficinas de jogos dramáticos, teatrais e de movimento” na 9ª Jornada do Núcleo de Ensino de Marília. Trataremos especificamente destas atividades nesse texto.

3- Ações do Projeto.

3.1- Formação de Professores e de crianças da Educação Básica: Projeto Educativo da 29ª Bienal de Arte de São Paulo e propostas de trabalho.

No mês de julho de 2010 a FFC- UNESP foi convidada a participar de uma reunião sobre um Projeto Educativo organizado pela Curadoria da Fundação Bienal de São Paulo, em parceria com a Diretoria de Ensino de Marília, no dia 28 de julho, no Auditório "Prof. Antônio Ribeiro". Na ocasião foi apresentado o “Projeto Educativo da 29ª Bienal de Arte de São Paulo”, cujo objetivo era o de levar professores, estudantes e artistas do interior do Estado a tecerem uma reflexão sobre a arte e o “fazer artístico” na contemporaneidade.

O Projeto foi apresentado pela Dirigente Regional de Ensino, por uma Supervisora de Ensino e pela Professora Coordenadora da Oficina Pedagógica de Arte de Marília e região. Depois da reunião, os representantes de cada instituição convidada (entre elas a UNESP) receberam fichas de inscrição para um curso que ocorreria no dia 17 de agosto, no Auditório da Faculdade do Interior Paulista (FAIP)- Marília- SP, com a formação de duas turmas: uma no período da tarde e outra no período da noite. O curso visava a apresentar os pressupostos norteadores da 29ª Bienal de Arte de São Paulo, estimular professores a conhecerem mais sobre a proposta da Bienal, fomentar o gosto pela arte e estimular a visita a este evento, além de oferecer vivências em linguagens artísticas.

Toda a equipe do Projeto LUDIBUS esteve presente neste curso, a fim de conhecer mais sobre a arte e sobre propostas artísticas contemporâneas. O objetivo da participação da equipe no curso sobre o Projeto Educativo da Bienal era o de oferecer aos bolsistas, professores em processo de formação inicial, elementos para refletirem sobre a arte e o fazer artístico e perceberem as possibilidades de trabalho com as crianças nas

escolas a partir de propostas inovadoras, como a da 29ª Bienal de Arte de São Paulo.

"Há sempre um copo de mar para um homem navegar" – verso do poeta Jorge de Lima tomado emprestado de sua obra *"Invenção de Orfeu"* (1952) foi o título desta Bienal de Arte. A idéia, segundo os organizadores, partiu do princípio de que é impossível separar a arte da política. A Bienal, que esteve aberta ao público de 25 de setembro a 12 de dezembro, trouxe em seu bojo seis espaços de convívio e reflexão chamados de "terreiros".

Os "terreiros", num total de seis, segundo os curadores, seriam espaços de convívio nomeados por questões que orientaram a mostra e remeteram a espaços abertos e fechados (praças, templos, terraços, quintais) onde a vida acontece de forma coletiva. A canção "Brasil Pandeiro", de Assis Valente inspirou a curadoria a criar os "terreiros", cujas temáticas foram: "A pele do invisível", "Dito, não dito, interdito", "Eu sou a rua", "Lembrança e esquecimento", "Longe daqui, aqui mesmo", "O outro, o mesmo".

A partir do curso que realizamos sobre o Projeto Educativo da 29ª Bienal, muitas idéias que já estavam em curso e outras definidas em relação ao desenvolvimento do trabalho a ser realizado no segundo semestre foram redefinidas e repensadas, à luz da idéia dos "terreiros" e de nossas reflexões sobre arte.

No segundo semestre, desenvolvemos nosso trabalho no SEAMA - Casa do Pequeno Cidadão II, uma instituição que trabalha com crianças do Ensino Fundamental. Atendemos quatro turmas ao todo, de terceiras e quartas séries, do período da tarde.

No ano de 2010, em nossas reuniões optamos por desenvolver um trabalho de conhecimento das visões de mundo das crianças: seus sonhos, anseios, medos e formas de pensar sobre si mesmas, sobre suas famílias, amigos e entorno por meio da arte. Ocorreram, de setembro a dezembro, cinco encontros com as crianças do período da tarde.

Nossa proposta inicial se uniu, como dissemos, à idéia dos "terreiros" da 29ª Bienal como narramos a seguir. Em nossas reuniões, elaboramos os procedimentos para trabalhar as linguagens artísticas com as crianças da seguinte forma:

- 1- Num primeiro momento, fizemos a apresentação do Projeto, levando o LUDIBUS até a escola e organizando uma exposição de todo o material que

temos: banda rítmica, fantoches, fantasias, jogos variados, brinquedos, livros de literatura infantil e gibis. Os bolsistas do projeto se apresentaram e dialogaram com as crianças.

- 2- No segundo encontro, as crianças foram estimuladas a falarem de si por meio de uma apresentação. Nesta apresentação disseram seus nomes e uma característica marcante de suas personalidades. A partir da apresentação, organizamos uma roda de conversa e, após o diálogo, houve o convite para que elaborassem seus auto-retratos.
- 3- Num terceiro encontro elaboramos uma proposta para que as crianças falassem de seus sonhos, seus anseios e cotidianidade. Houve a apresentação de músicas e poesias e elas foram estimuladas a elaborar textos e desenhos que retratassem os seus sonhos.
- 4- Num quarto encontro, a partir da história do livro “Quem tem medo de quê”, de Ruth Rocha, trabalhamos com a “contação” da história e, a partir dela, os medos e temores infantis. As crianças também foram estimuladas a escrever suas próprias histórias sobre o tema.
- 5- Num quinto encontro abordamos a temática da amizade. Perguntas como “o que é a amizade?” “O que é um amigo?” “O que faz bem para uma amizade?” “O que prejudica uma amizade?” foram feitas às crianças, por meio de diálogo e de leitura de poemas relacionados ao tema. As crianças foram convidadas a escrever e a trocar correspondências com os membros da equipe do LUDIBUS.

A partir de nossas conversas relacionadas ao Projeto Bienal, algumas idéias surgiram para enriquecermos nossas temáticas. Questões relacionadas à individualidade, ao respeito ao outro, a espaços individuais e coletivos passaram a fazer parte de nossas indagações para a realização do trabalho com as crianças. Dentro da perspectiva da 29ª Bienal, os “terreiros” foram espaços de presença do coletivo. Espaços de lutas, danças, festas, encontros com os semelhantes e com a diversidade.

Relacionamos esta perspectiva de espaço coletivo à proposta de conversar com as crianças sobre seus sonhos, desejos e anseios. O próprio trabalho foi desenvolvido dentro da perspectiva de espaços lúdicos e coletivos de diálogo e de criação. Temas como os propostos: quem sou eu, quais são meus sonhos, meus medos, quem faz parte de meu mundo, com certeza foram enriquecidos com a participação da equipe do LUDIBUS no curso oferecido pelo Projeto Educativo da 29ª Bienal de Arte de São Paulo.

3.2. Formação de professores: Curso de extensão “Linguagem teatral na Educação Básica (crianças de 0 a 10 anos): propostas de oficinas de jogos dramáticos, teatrais e de movimento”.

No dia 26 de agosto de 2010, mais uma ação do Projeto LUDIBUS se fez presente em relação à formação inicial e continuada de professores (as). Durante a 9ª Jornada do Núcleo de Ensino de Marília a equipe do Projeto ofereceu o curso “Linguagem teatral na Educação Básica (crianças de 0 a 10 anos): propostas de oficinas de jogos dramáticos, teatrais e de movimento”. Os objetivos deste curso: discutir e analisar sobre a importância do jogo teatral e do movimento na Educação de crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (séries iniciais); oferecer aos participantes subsídios para um trabalho de respeito à liberdade de movimentação da criança e seus processos de criação dentro da perspectiva do jogo dramático e teatral.

Em relação ao movimento, pautamos nosso trabalho na obra de Rudolf Laban, que, no início do século XX, revolucionou a dança e desenvolveu pesquisas relacionadas à movimentação humana. Segundo Laban (1978) o homem se movimenta por um motivo principal: a satisfação de suas necessidades. O movimento, desta forma, revela muitas coisas diferentes. Com sua movimentação, o ser humano tem por objetivo atingir algo que lhe é valioso, importante. As formas e ritmos do movimento mostram a atitude da pessoa que se move em uma determinada situação. Pensando na criança pequena, movimentar-se é vital. Ela descobre o mundo pro meio de seus movimentos, testa hipóteses, resolve problemas.

Sandra Curttis (1988) também nos fala sobre a importância do movimento na Educação Infantil e nos apresenta uma gama de atividades que podem ser desenvolvidas com as crianças. Mas, e o professor? Como vê a importância do movimento na Educação Infantil? Quais as atividades que propõe? Nossa intenção, neste mini curso era a de levar os professores a vivenciar propostas relacionadas à educação para o movimento e aos jogos dramáticos e teatrais.

Em relação a essa temática, podemos afirmar que existem diferenças em relação ao trabalho com jogos dramáticos na educação infantil e jogos teatrais no Ensino Fundamental. Ricardo Japiassu (2001) faz a seguinte distinção entre jogo dramático e jogo teatral:

No jogo dramático entre sujeitos, todos são 'fazedores' da situação imaginária, todos são 'atores'. No jogo teatral, o grupo de sujeitos que joga pode se dividir em equipes que se alternam nas funções de jogadores e de observadores, isto é, os sujeitos jogam deliberadamente para outros que os observam. Na ontogênese, o jogo dramático (faz de conta) antecede o jogo teatral. Diferentemente do jogo dramático, o jogo teatral é intencional e explicitamente dirigido para observadores, isto é, pressupõe a existência de uma platéia. Todavia, tanto no jogo dramático como no jogo teatral, o processo de representação dramática ou simbólica no qual se engajam os jogadores desenvolve-se na ação improvisada e os papéis de cada jogador não são estabelecidos a priori, mas emergem das interações que ocorrem durante o jogo. (p.21)

Com crianças pequenas deve haver predominância do jogo dramático. A criança brinca, joga, dramatiza, sem a preocupação de "fazer teatro". É importante que a criança experimente o jogo dramático como uma grande brincadeira, sem preocupações em apresentar uma peça teatral para pais ou parentes ao final do ano letivo. Nas propostas de jogos dramáticos predomina o "grupão", ou seja, todas as crianças da turma brincam juntas, dramatizam, solucionam problemas. Já um trabalho com teatro no Ensino Fundamental é diferente de um trabalho com jogo dramático na educação infantil.

No ensino fundamental, segundo Japiassu (2001), deve predominar o jogo teatral. O trabalho desse autor se baseia na obra de Viola Spolin, "Improvisação para o teatro". A base do sistema de Spolin (1978) é o improvisado. As bases do jogo dramático e do jogo teatral estão calcadas no improvisado.

A arte teatral, como todas as outras linguagens artísticas, aguça a inteligência, os sentidos, a atenção e nos faz descobrir novas formas de comunicação. Mas para que um trabalho baseado no jogo teatral possa se realizar a contento no ensino fundamental, o professor deve atentar para alguns fatores: a importância do conhecimento teórico relacionado aos sistemas de jogos teatrais de autores importantes para poder fazer suas escolhas metodológicas; refletir sobre o espaço físico mais adequado para a realização dos jogos teatrais (sala de aula, quadra, salão de festas da escola) e sobre a frequência e duração das atividades realizadas; observar quem são e quais as motivações dos participantes; conhecer o aluno com o qual se vai trabalhar e conscientizar-se de que não há receituário pronto ou só um

caminho a seguir, pois cada grupo é único e reage de forma surpreendente às atividades propostas.

No curso oferecido aos participantes da 9ª Jornada do Núcleo de Ensino houve uma participação efetiva dos inscritos em relação às propostas de diálogos e vivências relacionadas à temática proposta. Houve 51 pessoas inscritas, entre professoras do Ensino Fundamental, graduandos dos cursos de Pedagogia, Educação Física, Terapia Ocupacional, Psicologia, entre outros, vindos da UNESP e de outras Universidades.

Num primeiro momento, trabalhamos com exercícios respiratórios e de alongamento, para depois iniciarmos as propostas de movimento e de jogos. Houve ocupação do espaço “cênico” e a interação entre os participantes a partir de propostas de movimentação em duplas. Algumas das propostas foram as seguintes:

1-Numa simples caminhada, vamos testar nossas possibilidades e limites corporais. Iniciem caminhando normalmente. Sintam os pés tocando no chão.

Vamos testar algumas coisas:

caminhar com as pontas dos dedos; -apoiando-se nos calcanhares; alternando as pontas dos dedos e calcanhares; tocando no chão com a parte externa dos pés; com a parte interna; caminhar com passos longos; com passos curtos; passos pesados; passos leves; espichando-se; encolhendo-se; em zigue - zague; requebrando; movimentando a cabeça de diversas formas; fazendo círculos com os braços; caminhar perto de outra pessoa; grudado a outra pessoa; entrelaçando o corpo ao corpo de outra pessoa; pular; girar; girar em duplas; saltar e bater palmas por baixo das pernas; saltar, tocando os joelhos com as mãos, com as pernas flexionadas; caminhar de olhos fechados (música suave); finalização: caminhar de olhos fechados buscando encontrar o outro, tocar a face e partes do corpo do outro.

2- Caminhar pela sala erguendo o corpo, abaixando-se; depois, rolar pelo chão. No chão, ocupar o menor espaço possível da sala.

3- em duplas: criar uma coreografia improvisada, completando os movimentos do companheiro.

4- Jogo “Simão diz”. (desenvolvimento da atenção, discriminação auditiva, sinestesia)

- Um jogador dará algum tipo de ordem, sempre relacionada à movimentação. Sempre deve começar por Simão diz, ou pode-se utilizar o nome da própria pessoa que dá a ordem.

- 5- Sinestesia: uma pessoa inicia um movimento. Outra continua o movimento e cria outro. Uma terceira faz o mesmo e assim por diante. Pode-se realizar esta proposta com música.
- 6- Em grupos de cinco pessoas: criar um animal ou objeto com os corpos entrelaçados.
- 7- Em grupos de cinco pessoas: criar uma cena que deverá se parecer com uma fotografia de um acontecimento. A imagem deve ficar congelada.
- 8- Os participantes devem criar um tipo, uma personagem. Aleatoriamente estas personagens serão unidas em grupos de 5 ou 6 pessoas, que deverão criar uma cena na qual interagirão.

O resultado do trabalho realizado foi gratificante. A participação de todos foi efetiva e não houve desistências. Houve uma profusão de movimentos e a criatividade surgiu nos momentos de elaboração de esculturas: surgiram animais tais como polvo, pavão, camelo e centópéia, dentro do espaço proposto. Os animais criados coletivamente eram perfeitos e ganharam vida com movimentos sincronizados.

Os grupos também apresentaram cenas improvisadas a partir da última proposta, que era a de criarem personagens e unir as personagens em grupos aleatoriamente. As diversas situações apresentadas nos fizeram estabelecer relações com fatos do dia-a-dia ou mesmo nos identificar com alguma personagem. Enfim, o curso proporcionou um contato direto com a linguagem teatral, a fim de estimularmos nos participantes o interesse pelo teatro no âmbito da escola, excluindo a distância que há entre a escola e a arte.

Conclusão.

O Projeto LUDIBUS traz em seu bojo o intento de levar as crianças a criarem, individual e coletivamente e busca contribuir para a formação de um profissional comprometido com as linguagens artísticas. Para tanto, busca trabalhar em duas frentes: de um lado, oferecendo cursos de extensão universitária e organizando grupos de estudo e de trabalho com a equipe do projeto e, de outro, oferecendo às crianças atividades que as levem a refletir sobre a arte e sobre aspectos fundamentais da cultura para a formação humana: o belo, o bom, a formação do gosto, o sentimento, entre outros.

Neste ano de 2010 as ações do Projeto levaram ao aprofundamento estético dos estudantes, bolsistas da equipe do LUDIBUS, a fim de que fossem realizadores e multiplicadores de ações artístico - lúdicas nas escolas de Educação Básica do município de Marília- SP, junto a professores e crianças.

Referências.

BOAL, A. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CANCLINI, Nestor García. *A socialização da arte: teoria e prática na América Latina*. São Paulo: Cultrix, 1984.

COLI, J. O que é arte. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FISCHER, E. *A necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1990.

JAPIASSU, Ricardo. *Metodologia do Ensino de Teatro*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

LABAN, Rudolf. *Domínio do Movimento*. Ed. Organizada por Lisa Ullmann. São Paulo: Summus, 1978.

MARTINS, M. C., PICOSQUE, G., GUERRA, M. T. T. *Didática do Ensino da Arte: A Língua do Mundo - poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998, p. 41.

MATERIAL EDUCATIVO DA 29ª BIENAL DE ARTE DE SÃO PAULO. *Caderno dos Professores*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2010.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa - Ação*. São Paulo, Cortez, 1986.